

Médicos de família retomam tradição

LÍGIA FORMENTI 18 ABR 1993 ESTADO DE SÃO PAULO

Bons tempos aqueles em que se chamava um médico ao primeiro sinal de febre ou uma dorzinha no estômago. Com o avanço da medicina e a necessidade constante de atualização, os clínicos gerais passaram a dar lugar a especialistas, que atendem apenas com hora marcada em consultório ou, em casos de urgência, no hospital. Há, no entanto, um grupo de profissionais que resiste e não dispensa a maleta de atendimentos nem o bip para as chamadas de seus pacientes.

Um grupo de médicos que realiza atendimento domiciliar criou a Sociedade Brasileira de Medicina de Família (Sobramfa). Fundada há um ano, a entidade reúne 100 profissionais. "O médico de família foi substituído pelo pronto-socorro, o que é um erro", defende o diretor da Sobramfa, Pablo Gonzáles Blasco. Para ele, muitos casos podem ser resolvidos com a consulta

de um médico: "O hospital deve ser reservado apenas para casos realmente urgentes".

Os defensores do atendimento em pronto-socorro afirmam que ali o paciente tem maior segurança, pois estão disponíveis recursos para diagnóstico e tratamento. "É preciso bom-senso do médico da família e do paciente, para saber já no relato por telefone se o caso exige internação imediata", afirma. Blasco conta que, muitas vezes, feito o primeiro diagnóstico, ele indica a seu paciente um especialista. "Mesmo assim, há casos em que o doente pede para que eu faça um acompanhamento conjunto", conta.

A maior confiança do paciente, no entanto, vem sempre acompanhada de um trabalho redobrado para o médico. "É muito desgastante ter de se deslocar constantemente em uma cidade como São Paulo", confessa o pediatra e psicoterapeuta Eric Shussel, que trabalhou durante 4 anos nesse sistema. "No final, es-

tava esgotado", conta.

Apesar do cansaço, Shussel afirma que o atendimento em casa traz suas compensações. "Na residência é possível analisar as condições em que ele vive e observar o ambiente familiar". Segundo o pediatra, esses são itens importantíssimos para conhecer melhor a criança.

Lugar à mesa — Apesar de não recomendar essa prática a seus colegas, Shussel guarda boas lembranças da época em que fazia visitas domiciliares. "Muitos reservavam um lugar na mesa do jantar ou me convidavam para festas." As ofertas eram sempre recusadas. "Só não dispensava café", confessa.

Mães que apresentam dificuldades em lidar com as mudanças causadas pela chegada de um filho também podem contar com a assistência em casa. A psicóloga do Grupo de Apoio à Maternidade e Paternidade (Gamp), Sílvia Pinheiro Machado Milliet, faz um

acompanhamento domiciliar, para tentar contornar a ansiedade, típica desse período de adaptação.

A opção por essa forma de atendimento foi feita pelas características do pós-parto. Segundo Sílvia, nessa época a mulher geralmente prefere permanecer em casa com a criança. "Além disso, a mãe, no próprio ambiente, tem maior facilidade em mostrar quais são suas dúvidas, seus medos e o que a incomoda."

As orientações são as mais variadas: desde a forma correta de amamentação ou como acalmar o choro do bebê, até como conduzir o horário da criança. A advogada Nancy Mezher Potter começou a receber as orientações de Sílvia uma semana depois do nascimento de seu filho Roberto, de um mês. "Não há nada melhor do que receber essa ajuda sem precisar sair de casa", afirma.

■ O telefone da Sociedade Brasileira de Medicina de Família é (011) 575-8462.